

awc

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Presidente do Conselho*

J. A. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*

MAURO GUIMARÃES — *Diretor*

MARCOS SÁ CORREA — *Editor*

FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Executivo*

Conto do Golpe

Com deplorável freqüência, os políticos continuam a se utilizar do nome das Forças Armadas em causa própria. É uma das formas preferidas por eles para fugir à responsabilidade. Os militares continuam a ter costas largas e a servir de proteção a interesses políticos inconfessáveis. Nas ocasiões favoráveis à convergência, sempre aparecem ambiciosos de poder. E não faltam mediócras para colaborar na farsa.

Ainda agora, no episódio crucial da Constituinte, juntaram-se ambiciosos de poder, interessados em vantagens e mediócras pela própria natureza, numa operação praticada à sombra das preocupações legítimas das Forças Armadas com a crise econômica e as tensões sociais.

Não foi difícil utilizar o nome das Forças Armadas para intimidar os constituintes sem condições de conferir os supostos riscos de votar de acordo com a convicção de cada um. Montou-se uma operação de intimidação dos incautos, e houve quem se deixasse amedrontar.

Nem só de incautos, no entanto, se contam os votos da Constituinte. Há também vorazes aproveitadores de ocasiões como essa que propiciou uma fartíssima distribuição de gorjetas. São favores que se pagam com subserviência e voto. Os beneficiários são os maiores interessados em fazer saber que votaram assim ou assado por imposição militar. A conduta oportunamente permitirá que eles se justifiquem perante os eleitores, sem terem que prestar contas pelos favores e vantagens auferidos. As Forças Armadas ficam de aválistas, e assumirão o débito moral.

O conto do golpe militar foi passado na Constituinte pelos matreiros políticos, que se locupletaram com as honras e as glórias de servir a interesses e receber o troco, se honra e glória se confundem com o que se viu. O certo, porém, é que as Forças Armadas são completamente desinteressadas do poder político. Depois de dois decênios gerindo a administração pública com poderes ilimitados, os militares não saíram com saldo político e moral. Nem mesmo os políticos que tiraram vantagens da passagem das Forças Armadas

pelo poder foram defendê-las, quando a situação se tornou econômica e politicamente insustentável.

A intervenção militar em 64 teve como objetivo estancar a esquerdização e a corrupção. Ao sair, os militares levaram para os quartéis, sob a indiferença dos políticos, a verificação de que a corrupção era irrecusavelmente maior do que antes, e as esquerdas estavam do mesmo tamanho. A disciplina militar ficou com os seus fundamentos abalados e exposta ao risco de divisões perigosas. As Forças Armadas não são interessadas em nova aventura política para tirar a castanha do fogo para a política saboreá-la.

Quando se dispuseram a palmilhar a transição do regime, reconheceram os militares que as questões políticas estão além da sua capacidade de resolvê-las. Falta-lhes preparo para tanto. O resultado frustrante de 64 merece ser esquecido, e não lembrado. A política é, portanto, reservada aos políticos e, embora o Brasil não esteja bem aquinhoado, ainda assim eles é que terão de encontrar soluções.

Não deveria assustar a mais ninguém a invocação das Forças Armadas como argumento para dissuadir os constituintes ou limitar-lhes a soberania. Mesmo porque os pressurosos em faturar vantagens valem-se da velha técnica de distrair a atenção do cidadão, para ficar com a mão livre. Em nome das Forças Armadas, o que pode ser dito, sem qualquer desrespeito, é que são interessadas num regime cuja transparência impeça que elas sejam usadas para ocultar interesses menores e procedimentos fisiológicos.

Não foi manobra tática a volta à posição institucional das Forças Armadas: a decisão representou a verificação de que não valeu a pena assumir responsabilidades políticas, e serem utilizadas por políticos, e passarem à História como incompetentes. Representou também a mesma verificação, por toda a nação, de que o Brasil possivelmente ainda não está maduro para a vida democrática, mas com a certeza de que somente praticando hábitos democráticos chegaremos a ser uma democracia.